

CONSUMO E PRODUÇÃO MIDIÁTICA POR ESTUDANTES DE ESCOLAS PÚBLICAS DE FORTALEZA/ BRASIL

Luciana Lobo Miranda

Professora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Ceará (UFC); Membro do Laboratório de Psicologia em Subjetividade e Sociedade (LAPSUS); Coordenadora do Programa de Extensão TVEZ: Educação para o uso crítico da mídia
lobo.lu@uol.com.br

Mauro Michel El Khouri

Graduado em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Bacharel em Filosofia pela Universidade Estadual do Ceará (UECE). Ex- Bolsista PIBIC–CNPq.
maurokhouri@gmail.com

Denise Costa Rodrigues

Graduanda em Psicologia pela UFC; Bolsista PIBIC CNPq
denisecrodrigues@gmail.com

Natalia Dantas do Amaral

Graduanda em Psicologia pela UFC
nataliadantas.psi@gmail.com

Jessika Karine Moreira Sousa

Graduanda em Psicologia pela UFC
jkarinemoreira@yahoo.com.br

Resumo

Fundamentando-se nos princípios da mídia-educação e da inclusão digital, o estudo tem como objetivo discutir a relação juventude e mídia, analisando acesso/consumo e apropriação/produção, com ênfase no ambiente da escola pública. O estudo centrou-se em bases quantitativas, através de questionário autoaplicável com 77 itens, abordando temas como: família, educação, trabalho, lazer, saúde e mídia. A amostra foi composta por 1140 sujeitos, entre 14 e 24 anos, de ambos os sexos, estudantes de 43 escolas públicas da cidade de Fortaleza, capital do Ceará (nordeste brasileiro), nos anos de 2010 e 2011. Para análise, utilizou-se o software aplicativo SPSS, especializado em pesquisas estatísticas em Ciências Sociais. Entre os respondentes, 83,5% afirmaram acessar a internet para realização de trabalhos escolares. Entretanto, apenas 15,2% acessavam de instituições de ensino, enquanto 70,5% faziam a partir de *lan houses*. Acerca da produção, 63,7% dos respondentes disseram nunca ter produzido mídia. Dentre os que criaram, em sua maioria vídeos e



sites, poucos tiveram a escola como local de produção. Todavia, entre quem já produziu jornal ou revista, 79,1% o fez em instituição de ensino. Observou-se que a entrada formal de mídia não impressa ainda é restrita no espaço escolar. Os dados indicaram que, em geral, a diferença de produção entre estudantes do ensino fundamental e do ensino médio não é significativa. O estudo corrobora com outras pesquisas na discussão da necessidade de que as políticas públicas em educação visem, além de compra de equipamentos, à formação de todos os agentes da comunidade escolar. Pesquisa financiada pelo CNPq.

Palavras-chave: Juventude; Mídia; Escola; Inclusão digital; Mídia-educação.

Abstract

Basing on the principles of media-education and digital inclusion, this study has the purpose to discuss the relation “youth and media”, analyzing access/consumption and appropriation/production, with emphasis in the environment of public school. The study focused in quantitative bases, through self-administered questionnaire with 77 items, addressing themes like family, education, work, leisure, health and media. The sample consisted of 1140 subjects, between 14 and 24 years, of both sexes, students from 43 public schools in Fortaleza, principal city of Ceará (Brazilian northeast), in the years of 2010 and 2011. For the analysis, was used the software application SPSS, specialized in statistical research in Social Sciences. Among the answers, 83.5% said they access the Internet to perform school work. However, only 15.2% access from their schools, while 70.5% were from Internet cafes. About the production, 63.7% answered that they have never produced media. Among those who created mostly videos and websites, few had the school as a place of production. However, among those who already have produced newspapers or magazines, 79,1% did it in education institutions. It was observed that the formal entrance of media not printed is still restricted to school space. The data have indicated that, in general, the difference of production between elementary school students and high school students is not significant. The study corroborates with another researches in the discussion of the need for public policies in education that aim, besides the purchase of equipment, at formation of all the agents of scholar community. CNPq financed this research.

Keywords: Youth; Media; School; Digital inclusion; Media education.

Introdução

O objetivo desse artigo consiste em discorrer sobre a relação entre juventude e mídia, analisando acesso/consumo e apropriação/produção de mídias por jovens estudantes de escolas públicas de Fortaleza, nordeste do Brasil. Pretende-se, portanto, abordar temas tais como a inclusão e a exclusão digital e mídia-educação, a fim de discutir o acesso, o consumo, a apropriação e a produção de mídia realizada por jovens, sobretudo em seu cotidiano escolar.

Em um país onde milhões de pessoas são incapazes de ler e escrever, o *apartheid* digital ratifica e colabora para distanciar ainda mais as classes sociais. O censo brasileiro de 2010 apontou que 94,3% das escolas de ensino médio têm acesso à internet; no ensino fundamental esse número cai para 39%. A questão mais significativa consiste no fato de que, mesmo com esse aumento da cobertura virtual em relação aos dados do censo 2001, várias ainda são as escolas que não utilizam essa tecnologia.

No Ceará, o Ministério da Cultura (MEC) promoveu a implantação de 487 laboratórios de informática, com computadores e impressoras nas escolas de ensino médio (Brasil, 2007). A capital do estado, Fortaleza, também tem recebido incentivos na área, com implementação de Laboratórios de Informática Educativa (LIEs). Na secretaria executiva regional II (SER-II), das 48 unidades escolares, 19 contam com LIEs, 6 com rádios e 2 com blogs de alunos, conforme dados da própria secretaria (Fortaleza, 2010). De acordo com o Núcleo de Formação de Pessoas (NUFOR-Fortaleza), 76 escolas da capital foram contempladas com computadores do ProInfo/MEC neste ano de 2012.

Apesar dos dados que apontam para o crescimento do acesso nas escolas públicas, há ainda dificuldades em relação à utilização: Lopes *et. al.* (2010), diz que apenas em 21% dos casos os estudantes fazem uso dos computadores sem supervisão de algum profissional responsável, e que ainda 27% das escolas não contam com laboratório de informática. Ainda segundo Lopes *et. al.* (2010), há laboratórios de informática em 73% das escolas públicas das capitais brasileiras. Entretanto, nos colégios das regiões Norte, Centro-Oeste e Nordeste, há três computadores quebrados para cada 13 existentes. Afirma-se ainda que 71% das escolas tem uso de computadores incluso no Projeto Político Pedagógico (PPP), entretanto, 10% fazem utilização apenas com fins administrativos ou não possuem computadores funcionando.



O IBGE (2008) destaca que a utilização de internet cresceu, sobretudo, na população de estudante, passando de 35,7% (2005) para 60,7% (2008). Entre os não estudantes também houve aumento, porém menor (de 15,9% para 26,6%). Com relação ao trabalho, a diferença de crescimento também é bem menor entre os ocupados (36%) e os não ocupados (33,2%). A pesquisa sugere que o acesso à Internet está mais relacionado à condição de estudante do que com a situação na ocupação. A escola aparece então como centro de meios e possibilidades que, fora de seu território, não estão ao alcance do jovem de menor renda (Marques, Dell'Aglio e Sarriera, 2009). A escola adquire assim grande responsabilidade sobre as formas como o acesso e a apropriação acontecem por ser um espaço em que o jovem, em sua maioria, está inserido.

Em tempos de era da informação, da sociedade midiaticizada (Moraes, 2006), a escola e a família não são mais as únicas instituições responsáveis pela formação dos sujeitos. Apesar de partirem de metodologias e propostas pedagógicas distintas, há um ponto comum que as converge: modelar a estrutura de pensamento dos sujeitos, sugerir-lhes concepções de mundo, a partir de uma gama variada de formas simbólicas (Setton, 2002). Não somente no processo educacional dos sujeitos, mas em sua socialização, instâncias distintas se interpenetram, constituindo-se em configuração existente de sua formação.

Apesar de a escola, tradicionalmente, ser a instituição oficial de constituição dos cidadãos, a educação vai além dos seus muros. Segundo Miranda, Sampaio e Lima (2009) é comum a escola culpabilizar a mídia pela “deseducação” de crianças e jovens, com uma exposição precoce à sexualidade, espetacularização da violência ou pela própria perda da autoridade. A mídia vem atuando como dispositivo pedagógico, na medida em que produz imagens, significações e saberes que ajudam a posicionar os sujeitos diante de si mesmos e do mundo, assumindo gradativamente, o papel de “educadora eletrônica” das novas gerações, em detrimento de outras instituições sociais (Fischer, 1996, 2002, 2008).

Por outro lado, a entrada da tecnologia no território escolar também é vista como o auxílio que a educação necessita, o que contribui para a formação de professores e estudantes com novas ferramentas tecnológicas. Para tanto, colaboram com programas como o instituído em 2010 pelo Governo Federal, por meio da Lei n.º 12.249, denominado “Um computador por aluno (PROUCA ou UCA)”, após estudos e pesquisas desenvolvidos em torno da implantação do projeto, cujo início se deu em

2007 em cinco escolas-modelo no país. O programa se veicula, segundo Figueiredo e Peixoto (2011), a necessidade de otimizar o processo de ensino-aprendizagem, com o intuito de inovação pedagógica e no sentido de promover mudanças nas formas de se relacionar e aprender. O projeto prevê ainda a possibilidade de o aluno levar o *laptop* para casa, apropriando-se do instrumento e favorecendo também a inclusão digital dos familiares.

Outros autores, tais como Vivarta (2004), Miranda, Sampaio e Lima (2009), Belloni (2008) e Fantin (2006), discutem a necessidade da inclusão das tecnologias de informação e comunicação nos processos educacionais, trabalhando no campo da mídia-educação, onde a mídia e as novas tecnologias são debatidas e apropriadas menos de forma meramente instrumental, como se bastasse um computador por aluno ou professor, e mais sob uma perspectiva crítica, onde seu uso poderia provocar mudança na dinâmica escolar, favorecendo o comprometimento de estudantes e professores com o processo educacional, bem como promovendo um olhar mais crítico diante da mídia cotidiana.

Dentro ou fora dos muros escolares, jovens caracterizam-se não apenas como consumidores de mídia, mas também como produtores (Vivarta, 2004). Nas escolas, iniciativas como a mídia-educação, que prevê a discussão e apropriação da mídia (Fantin, 2006), ou o uso das TIC – Tecnologias de Informática e Comunicação (Silveira, 2005), através de parcerias com ONG ou por iniciativa própria, tem estimulado a produção de mídia. É relevante considerar que as iniciativas para a ampliação do uso da mídia no cotidiano escolar devem estar muito além do uso instrumental da tecnologia.

As mídias digitais têm forte apelo para a possibilidade de interação e de criação por qualquer indivíduo que tenha acesso à rede, ou ao equipamento. Esta característica parece atrair a juventude. Mas se a mídia é um potente veículo de condutas e visões de mundo (Costa e Pires, 2007), e o que ela comunica repercute aos que lhe estão suscetíveis, este processo não é unilateral, ou ainda realizado uniformemente, independente do contexto que se queira observar. A juventude não é um grupo homogêneo e a sua afetação acontece de modo distinto, sofrendo influências desde a situação em que se encontra inseridas o jovem, bem como os sentidos atribuídos à relação que este estabelece com a mídia e com as novas tecnologias (Stern e Willis, 2009).

Tal desejo parece ser expresso pelos jovens brasileiros, como afirmam Barbalho



(s.d.) e Raddatz (2010), o que pode ser compreendido como desejo de também fazer parte deste grande canal que lhes atinge, estruturando-o. O alcance de tal objetivo pode ser percebido como indicativo de autonomia e criatividade.

A produção de mídia por jovens tem ocupado espaço crescente entre suas atividades, especialmente pelo desenvolvimento de tecnologias que permitem maior interação entre produtor e consumidor, bem como a acessibilidade cada vez maior a equipamentos que possibilitam a criação de audiovisual. Com o exemplo de vídeos e blogs, a cibercultura (Lévy, 1999) tem favorecido a criação de produtos midiáticos para serem postados na internet. Este aumento tem relação com a grande importância concedida por estas pessoas à imagem.

Apesar da demanda por apropriação e produção de mídias Martin-Barbero (2008) aborda, no contexto colombiano, acerca do uso normalmente controlado da internet no território escolar. Redes sociais e atividades lúdicas, tais como jogos, são muitas vezes interditados.

Diante dos elementos aqui expostos torna-se necessário analisar a relação entre juventude e mídia, através do acesso, consumo, apropriação e produção de estudantes de escolas públicas de Fortaleza, problematizando a escola como potencial mediadora dessa relação.

Metodologia

Os dados desse estudo tiveram como base a pesquisa *Adolescência e juventude: estudo sobre situações de risco e redes de proteção em Fortaleza*¹, realizada com 1140 jovens entre 14 e 24 anos de 43 escolas públicas de Fortaleza, através de um questionário autoaplicável. O questionário possui 77 questões objetivas e 2 subjetivas. O instrumento aborda temas tais como família, educação, trabalho, lazer, saúde e mídia. A Aplicação ocorreu entre os anos de 2010 e 2011.

Como organização político-administrativa, Fortaleza é dividida em seis Secretarias Executivas Regionais (SER), cada uma composta por vários bairros. O cálculo foi baseado em uma amostra probabilística, por conglomerado, de estudantes

¹ A presente pesquisa foi um desdobramento da pesquisa "Juventude Brasileira: comportamentos de risco, fatores de risco e proteção" (Koller; Ribeiro; Cerqueira-Santos; Araújo de Moraes & Teodoro, 2006) através do edital Casadinho, PROC. Nº 620070/08CNPq, que promoveu o intercâmbio entre os programas de pós-graduação em Psicologia da UFRGS e da UFC.

matriculados no 7.º, 8.º e 9.º anos das escolas municipais e do 7.º ano do ensino fundamental ao 3.º ano do ensino médio, incluindo-se os alunos da formação continuada em Educação de Jovens e Adultos (EJA), das escolas estaduais da cidade. Tomando as seis regionais como unidades amostrais primárias, foram escolhidas aleatoriamente três escolas municipais e três estaduais em cada regional. Em seguida, partindo da população de alunos matriculados em 2010 nas respectivas séries das redes municipais (32.237) e estaduais (142.696), foram selecionados randomicamente (intervalo de confiança = 95% e nível de significância = 0,04), o número de participantes do estudo em cada uma das redes de ensino. Esses foram distribuídos proporcionalmente em função do número total de matriculados em cada regional por série e tipo de escola (municipal e estadual). Assim, a totalização da amostra deveria ter sido de 1189 participantes, entretanto, após a coleta de dados, foram validados um total de 1140 questionários.

Os aspectos éticos foram assegurados com base na Resolução nº 196 do Ministério da Saúde (Brasil, 1996), na Resolução nº 016 do Conselho Federal de Psicologia (CFP, 2000) e no Estatuto da Criança e do Adolescente (Brasil, 2004). Além do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, assinado pelos pais ou responsáveis dos participantes menores de idade ou pelos próprios, no caso dos jovens a partir de 18 anos, todos os estudantes das turmas escolhidas foram consultados acerca do seu interesse em participar do estudo, após serem devidamente esclarecidos sobre os objetivos da pesquisa, os procedimentos e a garantia de sigilo das informações pessoais.

Para análise dos dados obtidos, utilizou-se o software aplicativo SPSS (versão 18), especializado em pesquisas estatísticas em Ciências Sociais, para facilitar as análises e correlações necessárias para embasar a pesquisa. Através de análises descritivas e bivariadas de significância com a ferramenta do Teste T de amostras independentes, foram realizadas as seguintes correlações: acesso e consumo; e apropriação e produção de mídia, ambos com ênfase na utilização da internet e a partir do recorte por escolaridade, isto é, ensino fundamental (no caso alunos entre o 7.º e 9.º ano) e ensino médio.

Nos questionários aplicados, buscou-se abordar algumas formas em que os jovens se relacionam com a mídia. Os dados se referem ao acesso, consumo, apropriação e produção de diversas mídias por parte dos estudantes. Dentre elas estão a impressa, a audiovisual e a digital. Com base nos resultados foram criadas



duas categorias: acesso/ consumo e apropriação/ produção. A primeira se refere ao acesso às mídias, que, no caso da internet, envolve local², frequência³ e tempo⁴ de utilização. A segunda categoria se refere à finalidade⁵ do acesso à internet, bem como a possibilidade de criação (blog, site, vídeo, rádio, jornal ou revista impressos e outros tipos de mídia) como meio para a produção de conteúdos, sendo considerado também o local em que os conteúdos foram produzidos.

A análise por escolaridade dividiu a amostra em dois conjuntos: estudantes do ensino fundamental e estudantes do ensino médio, considerando a inserção e utilização da tecnologia nas diferentes etapas de ensino. O Governo Federal, atualmente através da Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão (SECADI)⁶, vem promovendo diversos programas e ações com intuito de inserir os recursos da tecnologia da informação no ambiente escolar. Dentre eles estão o Programa Nacional de Tecnologia Educacional (ProInfo), o Programa Banda Larga nas Escolas (PBLE) e o Programa Um Computador por Aluno (PROUCA ou UCA) (MEC, 2012).

Assim, investigar a relação do jovem com a mídia a partir da escolaridade possibilita confrontar os dados obtidos com as propostas políticas de acessibilidade à tecnologia da informação no ensino público, bem como com a adesão das escolas a essas políticas em função dos diferentes programas que norteiam as etapas de ensino. Em suma, a análise dos dados por escolaridade possibilita a verificação das diferenças entre o ensino fundamental e o ensino médio no que se refere à utilização da mídia por parte do jovem na escola pública.

² O item do questionário trazia as opções: casa; escola; *lan house*; trabalho; e outro, podendo ser marcada mais de uma.

³ Com as opções: não utilizo; utilizo uma ou duas vezes por mês; apenas aos finais de semana; de um a dois dias por semana; entre três e cinco dias por semana; ou todos os dias.

⁴ Com as opções: não me conecto à internet; conecto-me menos de meia hora; de meia a uma hora; de uma a três horas; de três horas a cinco horas; mais de cinco horas.

⁵ Contendo as opções: comunicar-me com as pessoas; baixar músicas, jogos, filmes; fazer trabalhos da escola; navegar em sites de meu interesse; fazer/escrever blogs; jogar; comprar coisas; outra atividade, podendo ser marcada mais de uma opção.

⁶ A SECADI, através do decreto nº 7.480, de 16 de maio de 2011, incorporou os programas e ações da extinta SEED (Secretaria de Ensino à Distância).

Resultados

A maioria dos participantes da pesquisa (57,9%) é do sexo feminino, próximo às porcentagens fornecidas pelo último censo do IBGE (2010), em que 51,0% da população do Brasil, e do Ceará 51,3% é feminina. Quanto à idade, no intervalo de 14 a 24 anos, a maioria da amostra é composta por sujeitos de 14 a 17 anos (67,0%). Uma parcela menor (32,9%) é composta por jovens de 18 a 24 anos de idade. Em relação às identidades étnicas, a maior parte se identificou como pardo (63,5%). De acordo com a PNAD (IBGE, 2009), as regiões Norte e Nordeste possuem a maioria de sua população (superior a 70%) considerada parda. Verifica-se que o perfil da amostra, no que se refere à identificação étnica, se aproxima dos dados regionais observados na pesquisa nacional. O estado civil da maioria é solteiro (92,8%), fato esperado, levando em conta a idade média da amostra (14 a 17 anos).

Em relação à renda, segundo a PNAD (IBGE, 2009), houve um aumento da renda familiar em relação a 2004 de cerca de 19%, atingindo R\$ 2.085,00, o que se aproxima dos dados constatados na pesquisa. É importante salientar que a maioria dos participantes (65,5%) afirmou não saber esse dado, demonstrando o desconhecimento dos jovens da pesquisa quanto à renda de suas famílias, tornando difícil inferências mais precisas em relação à renda familiar. Com relação ao sustento da casa 90,7% afirmou que outros, e não eles mesmos, contribuem. Isso pode estar relacionado ao fato de que a amostra da pesquisa é composta por estudantes, além de que estes em, sua maioria, são menores de idade. A amostra também indica que 55,8% dos estudantes asseguram receber algum tipo de bolsa, ou que sua família é beneficiada com algum auxílio referente a programas sociais de complementação de renda. Entre os que afirmaram receber auxílio, quase todos (90,5%) são beneficiados com o Programa Bolsa Família.

De acordo com o censo (2010), a média de moradores por domicílio no Brasil é de 3,3, e no Nordeste, de 3,6. No estudo, em relação ao número de pessoas que reside no domicílio, incluindo o respondente, metade da amostra (50,8%) afirmou que moram em suas residências cerca de quatro a cinco pessoas, enquanto a PNAD (IBGE, 2009) mostra valores inferiores aos da amostra (40,3%). Tal dado pode ser relacionado à população da amostra desta pesquisa, composta pela população de baixa renda, fator que tem sido relacionado ao maior número de pessoas na família. De acordo com a PNAD (IBGE, 2009), em cerca de cinco anos, o número de residências com mais de quatro moradores decaiu em 23%, ao passo que as casas



com um a três residentes tiveram suas porcentagens aumentadas.

Foi considerado as referências do IBGE para avaliar a situação socioeconômica dos participantes. Nesse aspecto, quase todos afirmaram que sua residência possui pelo menos um quarto (99,0%) e um banheiro (99,8%). Quanto aos aparelhos domésticos, a maioria afirma possuir pelo menos um aparelho de DVD (92,9%), no mínimo uma TV em cores (99,0%), pelo menos um aparelho de som ou rádio (89,4%) e no mínimo uma geladeira (96,2%). Por outro lado, a maior parte dos jovens diz não possuir máquina de lavar (60,9%), computador (63,1%) ou aspirador de pó (81,8%) em casa.

Acesso e consumo de mídia

Nos questionários aplicados, buscou-se abordar algumas formas dos jovens se relacionarem com a mídia, através de dados relativos ao acesso/consumo e produção/apropriação da mídia sob o corte de escolaridade (ensino fundamental e ensino médio). Quanto ao acesso/consumo, priorizou-se investigar o acesso às seguintes mídias: celular, televisão e internet. Com relação a essa última tratou-se de interrogar e em quais locais esses jovens mais a acessa, bem como a frequência com que os jovens de ensino fundamental e ensino médio permanece conectado.

Verificou-se que, para os alunos que responderam ao item que aborda o lazer do jovem, as três atividades mais procuradas são assistir TV (86,7%), escutar ou tocar música (76,1%) e navegar na internet (63,6%). Atualmente as formas de ouvir música envolvem a mídia. Se, desde a era do rádio, a mídia se destaca como meio de difusão da música, atualmente novas mídias se colocam nesse cenário. A música tem sido cada vez mais apropriada por aparelhos com função tocadora de mp3 e afins (Raddatz, 2010); o rádio pode ser ouvido em celulares; os *iPods* e mesmo os computadores facilitam a presença da música no cotidiano da juventude. Observa-se com isso que, ao se considerar a música como uma forma de mídia, esta se faz presente nas três atividades de lazer mais estimadas pelos jovens participantes da pesquisa.

Verificou-se que a maioria dos jovens diz possuir celular (73,8%), sendo 64,6% pré-pago e 9,2% de conta. A maioria também afirma ter acesso à internet (60,4%). O aumento do número de celular no Brasil também foi confirmado pela pesquisa PNAD (2008), que avaliou que mais da metade da população brasileira (53,8%) possui celular para uso pessoal. Esse dado confirma que a internet e o celular estão cada vez

mais presentes no cotidiano dos jovens, dentre as novas formas de comunicação na contemporaneidade.

Tabela I – *Atividades de lazer (N = 1140).*

	f	%*
Assistir TV	968	86,7
Ouvir ou tocar música	849	76,1
Navegar na internet	710	63,6
Descansar	676	60,6
Namorar	659	59,2
Passear	639	57,3
Ler livros, revistas ou quadrinhos	557	50,0
Praticar esportes	467	41,8
Ir a festas	445	39,9
Jogar/brincar	406	36,4
Cinema ou teatro	390	35,0
Desenhar/pintar/artesanato	193	17,3
Outros	77	6,9

Nota. *Porcentagem válida (desconsideram os alunos que não responderam).

Uma análise por escolaridade verificou diferença significativa ($P < 0,05$) entre estudantes do ensino médio, que afirmam ter mais celular pré-pago (67,9%) do que os de ensino fundamental (60%); por outro lado, os estudantes de ensino fundamental possuem mais celular pós-pago (11,3%) em relação aos de ensino médio (7,8%). Em relação ao acesso à internet, houve diferença significativa (Dado significativo para $P < 0,001$) entre os estudantes que estão no ensino médio que possuem mais acesso (67,8%) do que os que frequentam o ensino fundamental (51,1%). Poder-se-ia levantar aqui a possibilidade de essa diferença ser em função de programas ou atividades escolares que envolvessem acessibilidade, já que a essa diferença é também significativa ($P < 0,05$) quando se considera o acesso feito apenas a partir da escola: 17,3% para estudantes de ensino médio contra 12,5% para estudantes de ensino fundamental. No entanto, deve-se observar que, considerando a totalidade da amostra, a escola é utilizada como local de acesso em apenas 15,2% dos casos,



sendo que a maioria dos jovens costuma acessar a internet partir de *lan house* ou *cybercafé* (70,5%), ou mesmo de casa (19,2%). Enquanto a pesquisa “Perfil da Juventude brasileira” (Abramo e Branco, 2008) aponta que, em 2003, 53% dos jovens nunca tinha ido a uma *lan house*, houve na presente pesquisa uma alteração significativa nos dados obtidos. Esse dado se mostra coerente quando comparado com o questionário de nossa pesquisa, em que 72,7% das pessoas afirmam não ter computador em casa.

Em outro item do questionário buscou-se investigar a frequência com que se utiliza a internet. Observa-se que esse dado é diversificado. Há jovens que acessam apenas uma ou duas vezes ao mês (22,1%), que acessam apenas aos finais de semana (23,2%), e que o fazem diariamente (14,6%). Apenas 7,9% das pessoas que responderam o item afirmam não utilizar a internet com nenhuma frequência.

Tabela II – Acesso/consumo: frequência de utilização da internet (N = 1140).

		<i>f</i>	%*
	Não utilizo	86	7,9
	Uma ou duas vezes por mês	240	22,1
<i>Com que frequência você utiliza a internet?</i>	Apenas aos finais de semana	252	23,2
	De um a dois dias por semana	196	18,0
	Entre três e cinco dias por semana	153	14,1
	Todos os dias	159	14,6

Nota. *Porcentagem válida (desconsideram os alunos que não responderam).

Não houve diferença significativa para a frequência de utilização da internet em relação à escolaridade de quem acessa. Conforme visto anteriormente, por ser o estudante o segmento populacional de maior crescimento em acesso a internet, os dados encontrados do que não acessam a internet (7,9%) é bem inferior à pesquisa da PNAD 2008, em que 65,2% do total disseram não acessar a internet.

Em relação ao tempo de utilização da internet, verificou-se que quase a metade dos jovens (49,1%) permanece de meia à uma hora conectada; 27,4% ficam de uma a três horas; e apenas 3,8% permanecem entre 3 a 5 navegando na internet. Isso demonstra que apesar de 72,7% dos jovens não terem computador em casa

(informação anteriormente apresentada), a maioria busca acesso, como visto, preferencialmente em *lan houses*. Como se trata de uma conexão paga por período ou fragmento de hora, tal fator talvez explique a concentração do uso entre meia e uma hora.

Tabela III – Acesso/consumo: tempo de utilização da internet (N = 1140).

	f	%*
<i>Em média, quando você se conecta, quanto tempo fica conectado?</i>	Não me conecto a internet	85 7,8
	Menos de meia hora	85 7,8
	De meia a uma hora	538 49,1
	De uma a três horas	300 27,4
	De três horas a cinco horas	42 3,8
	Mais de cinco horas	46 4,2

Nota. *Porcentagem válida (desconsideram os alunos que não responderam).

Para verificar a relação entre o tempo de utilização da internet e a escolaridade de quem acessa, foi feita análise com teste “T” a partir de escala Likert, que considerou a média de valores de 1 a 6, em que “1” corresponde a nenhum tempo de conexão e “6” corresponde a mais de cinco horas conectado. A análise mostrou que estudantes do ensino médio ficam mais tempo navegando na internet, com diferença significativa para $P < 0,001$, apresentando ensino fundamental média de 3,09 (DP = 1,11) e ensino médio média de 3,37 (DP = 1,00).

Apropriação/produção de mídia

Com relação à categoria apropriação/produção, foram elencados no questionário a finalidade da utilização da internet, assim como quais tipos de mídia os estudantes produzem: blog, site, vídeo, rádio, jornal ou revista. No primeiro caso, questionou-se os estudantes de ensino fundamental e médio para quem eles utilizam a internet: comunicar com pares, baixar músicas, jogos ou filmes, fazer trabalhos da escola, comprar coisas, etc.

Grande parte dos jovens afirmou acessar a Internet para fazer trabalhos escolares (83,5%). Outro principal motivo que faz com que o jovem se conecte à rede



de computadores é a comunicação com pares (81,5%). Baixar arquivos (53,8%), buscar sites de interesse (49,6%) e jogar (38,7) também fazem parte dos objetivos dos internautas participantes da pesquisa. Observa-se que as pessoas ainda acessam menos para criar blogs (9%), comprar (5,4%) e fazer outras atividades (4,7%).

A análise por escolaridade sinaliza diferença significativa para quatro dos subitens. Estudantes de ensino médio utilizam mais a internet para se comunicar, para fazer trabalhos escolares e para navegar em sites de interesse que os estudantes de ensino fundamental. Por outro lado, estes utilizam mais a internet para jogar.

Tabela IV – *Apropriação/produção: da Internet por escolaridade (N = 1140).*

Se você usa a Internet, você utiliza para:	Escolaridade do respondente				Significância	
	Fundamental *		Médio *		P<	V Cramer
	(n=442)		(n=619)			
	Sim	%	Sim	%		
Comunicar-me com as pessoas	346	78,28	519	83,84	0,05	0,078
Baixar músicas, jogos, filmes	228	51,58	344	55,57	–	
Fazer trabalhos da escola	347	78,51	540	87,24	0,001	0,116
Navegar em sites de interesse	192	43,44	340	54,93	0,001	0,114
Fazer/ escrever blogs	44	9,95	54	8,72	–	
Jogar	199	45,02	214	34,57	0,001	0,105
Comprar coisas	21	4,75	35	5,65	–	
Outra atividade	23	5,20	26	4,20	–	

Nota. * Números válidos, desconsiderando os que não responderam.

O estudante também responderam se já fizeram ou ajudaram a fazer algum tipo de mídia, sendo também possível assinalar mais de uma das seguintes opções: blog, site, vídeo, rádio, jornal ou revista impressa e outros. A maioria dos respondentes

apresentou pouca produção frente à veiculada imagem de que os jovens estão sempre conectados e criando mídia. O subitem mais respondido afirmativamente foi o vídeo, com 36,3%, seguido de site (21,2%), blog (19,1%), jornal ou revista impressa (18,5%) e outros tipos de mídia (7,6%). Blog, site e jornal ou revista impresso ficaram próximos, com 19,1%, 21,2% e 18,5%, respectivamente. Excetuando-se o item “outros tipos de mídia”, o rádio é a menos produzida, com apenas 7,7% dos respondentes afirmando já ter realizado ou ajudado a realizar.

Tabela V – *Apropriação/produção: participação em produção de mídia (N = 1140).*

<i>Você já fez ou ajudou a fazer:</i>		<i>f</i>	<i>%*</i>
<i>Blog</i>	Não	821	80,9
	Sim	194	19,1
<i>Site</i>	Não	794	78,8
	Sim	214	21,2
<i>Vídeo</i>	Não	644	63,7
	Sim	367	36,3
<i>Rádio</i>	Não	913	92,3
	Sim	76	7,7
<i>Jornal ou Revista (impresso)</i>	Não	816	81,5
	Sim	185	18,5
<i>Outros tipos de mídia.</i>	Não	786	92,4
	Sim	65	7,6

Nota. *Porcentagem válida (desconsideram os alunos que não responderam).

De acordo com as respostas dadas, a maior parte das mídias foi feita em casa, com exceção apenas de jornal ou revista impressa e outros. Para a mídia impressa (jornal e revista), a escola destaca-se como local de realização para 79,1% dos que já fizeram ou ajudaram a fazer alguma delas. A escola também aparece em destaque como ambiente de produção para as demais mídias, ficando em segunda posição para blog, site, vídeo, e rádio. A comunidade aparece em terceiro lugar para a produção de blog (15,1%) e site (22,0%). Para estas mídias, vale ressaltar que a opção “outro



locais” obteve percentagem relevante, representando 20,4% e 19,4%, respectivamente. Os locais onde menos se produz mídias são as Organizações Não Governamentais e as associações de moradores.

Ao analisar a produção segundo a escolaridade dos respondentes, novamente distinguindo os estudantes entre ensino fundamental e médio, depara-se com a ausência de diferença significativa. A única exceção é referente ao vídeo, que significativamente ($p < 0,001$) é mais produzido no ensino médio (41,3%) do que no ensino fundamental (29,2%). Sua criação é realizada principalmente em casa. O primeiro espaço não-domiciliar em que ela é feita é a escola, onde 25,2% dos estudantes de ensino fundamental e 41,34% dos estudantes de ensino médio fazem vídeo, com diferença significativa entre ambos ($p < 0,01$).

Nota-se a importância da escola como locus para a produção de mídia, sendo o espaço não-residencial mais utilizado para tanto. Destaca-se também que se trata aqui de mídias que guardam alguma semelhança com a impressa, um tipo formal que é bastante valorizado pela escola. A revista e o jornal são os únicos tipos de mídia mais produzidos em território escolar que residencial. Em casa, apenas 14,8% dos estudantes de ensino fundamental e 9,68% dos alunos do médio o fizeram, para 81,5% do fundamental e 75,3% do médio tendo feito na escola. Provavelmente isso acontece porque a escola é um espaço em que a leitura e a escrita são incentivados em larga escala, com maior valorização da cultura letrada do que da audiovisual. Contudo, a mídia impressa ocupa em nossa pesquisa apenas o quarto lugar como mídia mais produzida, o que pode ser discutido como desinteresse do jovem por criação de jornais e revistas impressos.

Discussão

Com o desenvolvimento da tecnologia da informação e a intensificação da utilização de seus recursos na educação, no mercado de trabalho e nas práticas sociais, há a preocupação cada vez maior em expandir o acesso aos benefícios trazidos pelos recursos tecnológicos que surgem todos os dias. É sabido, entretanto, que nem todos os jovens têm acesso a mídias digitais. De acordo com Brenner, Dayrell e Carrano (2008), o impedimento consiste principalmente na dificuldade de se obter o equipamento e na pequena capacidade das redes públicas de oferecer o acesso.

Os obstáculos ao acesso e à inclusão digital são preocupantes porque

corroboram com a desigualdade social, incrementando a separação entre os que fazem parte e os que são alheios ao mundo virtual. No Brasil, propriamente, o acesso a mídias e tecnologias digitais é claramente um ponto de desigualdade (Brenner, Dayrell, Carrano, 2008). Desta forma são necessárias estratégias de garantia de que jovens pobres, os principais prejudicados nesta relação, possam utilizar as mídias digitais, obtendo dela seus maiores recursos. “Os espaços de cultura e lazer, com todas as suas potencialidades, se colocam na perspectiva do direito. Falar em direito cultural implica criar condições de produção cultural.” (Brenner, Dayrell e Carrano, 2008, p. 177). Conforme Silveira (2005), a exclusão digital contribui para a manutenção da pobreza e dificulta o desenvolvimento social. Portanto, mais que um privilégio, o acesso à mídia e à comunicação em rede se torna hoje uma necessidade fundamental para o exercício da cidadania. Diante disso, pode-se indagar como a escola participa desse processo e qual é o papel da educação formal na alfabetização digital na era de informação. Ou, em outras palavras, como a escola, sobretudo a escola pública, que atende à parcela desfavorecida do fosso de desigualdade dos que tem e dos que não tem acesso a mídias digitais, vem se preparando para realizar este diálogo. Para Stern e Willis (2009), a escola assumir a responsabilidade de proporcionar uma educação sobre as mídias seria a alternativa para a promoção de uma utilização positiva dos recursos digitais pelos jovens.

A apropriação/produção dos meios de comunicação consiste em um aprendizado técnico e conhecimento teórico sobre como fazer determinada mídia associados a uma leitura crítica dos meios. Essa leitura crítica, por sua vez, é eminentemente analítica, na medida em que propõe uma reflexão sobre linguagem, conteúdo, edição e fontes de informação do material midiático (Vivarta, 2004).

Os dados da pesquisa comprovam que o favorecimento do jovem estudante de escola pública como protagonista na produção de mídia ainda se encontra aquém da potencialidade desse uso como meio didático-pedagógico e como meio de expressão desse segmento populacional.

Os resultados demonstram que, se por um lado a mídia e as novas tecnologias incidem na forma de lazer dos jovens de escola pública de Fortaleza, e que, mesmo muitas vezes não possuindo computador em casa, os jovens se valem do acesso pago, via lan-house, para se manter conectados, inclusive para fazer trabalhos escolares, por outro, a produção de mídia realizada por jovens ainda é tímida, pois a maioria nunca fez ou ajudou fazer qualquer tipo de mídia.



Apesar do aumento dos anos de escolarização (comparação entre ensino fundamental e ensino médio) indicar um uso crescente da internet, dentro e fora do ambiente escolar, ainda é tímido o acesso dos jovens dentro de seu território. Muitas vezes o jovem utiliza a internet para a realização de trabalho escolar, mas não o faz na própria escola.

Com relação a produção de mídia dentro da escola não há diferença significativa entre os níveis de escolarização, a exceção do vídeo, com destaque para estudantes de ensino médio. A casa destaca-se como lócus principal de produção de mídia, a exceção de jornais e revistas impressos que parece ser mais estimulada no contexto escolar.

Na presente pesquisa, a análise do acesso à internet a partir da escola merece atenção cuidadosa, pois como anteriormente visto, apenas 15,2% das pessoas afirmam acessar das instituições de ensino. Tanto nos dados acerca da crescente implementação de laboratórios de informática nas escolas públicas do Brasil e em particular de Fortaleza, quanto nas observações *in loco* na ida às escolas para a aplicação do questionário, destaca-se que a maioria possui laboratório de informática. Por que, então, o acesso à Internet a partir da escola pública em Fortaleza é baixo? Pode-se pensar em algumas hipóteses que justifiquem essas restrições à utilização dos instrumentos e instalações da escola, como banda larga de má qualidade, quantidade insuficiente de computadores, pouco pessoal para monitoramento do laboratório de informática, interdição a atividades lúdicas, e mesmo despreparo do corpo docente. Torna-se, portanto, pertinente um estudo mais aprofundado acerca desses fatores.

Considerações Finais

Os jovens produtores de mídias, potencialmente podem criar outra percepção sobre a concretude em que realiza sua produção estética. Isto porque, ao produzir mídia o jovem valoriza cultural e geograficamente o local de onde provém. Este processo deve ser corroborado pela mídia-educação que, contribui para a leitura crítica dos meios, enquanto promove apropriação dos mesmos, possibilitando tanto a aprendizagem através dos recursos de informação como a comunicação interpessoal.

O incentivo à produção digital é também estímulo para a criatividade (Fernandes, Sales e Felizola 2009), possibilitando ao jovem sair da posição de receptor, espectador, em que ele comodamente recebe informações, para a posição

daquele que pensa, imagina, planeja, coloca-se diante da questão de como proceder para expressar o que deseja e nutrir suas idéias, através da linguagem audiovisual. O referido incentivo não deve acontecer para substituição da educação formal, mas para incrementá-la (Nascimento, s.d; Vivarta, 2004; Fantin, 2006; Miranda, Sampaio e Lima 2009). Garantir meios de que os jovens exerçam seus direitos civis tem relação com a apropriação das mídias e a oportunidade de produzi-las. Assim, se a escola é um espaço privilegiado para a formação do cidadão, cabe a ela incentivar a produção de mídia.

Apesar de necessária a ampliação do acesso às novas tecnologias seja através dos laboratórios de informática, seja através da doação de computadores pessoais, o uso qualificado da mídia e das novas tecnologias deve ir além da instrumentalização da educação, e pressupõe questões estéticas, éticas e políticas na formação de professores e na valorização da escola pública como um todo. A estética está ligada a fruição de uma produção cultural audiovisual que pode se diferenciar daquelas em que os jovens normalmente tem acesso, estimulando a expressão através da criação audiovisual. A ética liga-se a idéia da responsabilidade sobre o que se diz e o que se veicula. Por fim, a dimensão política, assume que o uso da mídia e das novas tecnologias pode servir de instrumento político tanto na reflexão do cotidiano escolar, quanto na reivindicação por uma mídia cotidiana de qualidade.

Referências Bibliográficas

- Abramo, H. W., & Branco, P. P. M. (Org.)(2008). *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Perseu Abramo.
- Baggio, R. (2000). A sociedade da informação e a infoexclusão. *Ci. Inf.*, 29, 16-21.
- Barbalho, A. (s.d.). Jovens com idéia na cabeça e câmera na mão: Biopolítica e trabalho imaterial na produção audiovisual. *Revista Cinética*. Recuperado de http://www.revistacinetica.com.br/cep/alexandre_barbalho.pdf
- Belloni, M. L. (2008). Os jovens e a internet: representações, usos e apropriações. Em Fantin, M.; Girardello, G. (Orgs.), *Liga, Roda, Clica: Estudos em mídia, cultura e infância*. Campinas: Papirus.
- Brasil (1996). *Resolução nº 196/1996 do Conselho Nacional de Saúde*. Brasília: Ministério da Saúde. Recuperado de <http://conselho.saude.gov.br/>
- Brasil (2004). Lei Federal n. ° 8.069/1990 - *Estatuto da criança e do adolescente*, Brasília: Conanda.



- Brasil (2007). Recuperado de <http://www.fomezero.gov.br/noticias/escolas-de-ensino-medio-do-ceara-recebem-computadores>
- Brenner, A. K., Dayrell, J. & Carrano, P. (2008). Culturas do lazer e do tempo livre dos jovens brasileiros. In H. W. Abramo, & P. P. M. Branco (Orgs.), *Retratos da juventude brasileira: análises de uma pesquisa nacional*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo.
- Censo (2010). Recuperado de <http://www.brasil.gov.br/sobre/o-brasil/o-brasil-em-numeros-1/educacao/print>.
- Conselho Federal de Psicologia (CFP) (2000). *Resolução para pesquisa com seres humanos*. Resolução n. 016/2000, Brasília.
- Costa, A. G., Pires, G. L. (2007). Moda/indumentária em culturas juvenis: símbolos de comunicação e formação de identidades corporais provisórias em jovens do ensino médio. *Revista Conexões*, 5. Recuperado de <http://polaris.bc.unicamp.br/seer/feff/include/getdoc.php?id=156&article=62&mode>
- Fantin, M. (2006). *Mídia-educação: conceitos, experiências e diálogos Brasil-Itália*. Florianópolis: Cidade Futura.
- Fernandes, L. F., Sales, J. M. S & Felizola, M. P. M. (2009). Estudo de Caso da Atuação do Mídia Jovem no Estado de Sergipe. *XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Centro-Oeste*, Brasília. Recuperado de <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/centrooeste2009/resumos/R17-0298-1.pdf>
- Figueiredo, A., & Peixoto, J. (2011). O “Programa Um Computador Por Aluno”: análise de documentos do governo federal e de dissertações disponibilizadas no Domínio Público. [Trabalho recuperado de anais]. Recuperado de <http://www.rte.org.br/seminario/4SeminarioAnais/PDF/GT6/gt6-5.pdf>
- Fischer, R. M. B. (1996). *Adolescência em discurso: mídia e produção de subjetividade*. (Tese de doutoramento). Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre.
- Fischer, R. M. B. (2002). O Dispositivo Pedagógico da Mídia: Modos de educar na (e pela) TV. *Educ. Pesqui*, 28. Recuperado de <http://dx.doi.org/10.1590/S1517-97022002000100011>
- Fischer, R. M. B. (2008). Imagens da Mídia, Educação e Experiência. In M. Fantin, & G. Girardello (Orgs.), *Liga, Roda, Clica: Estudos em mídia, cultura e infância*. Campinas: Papirus.
- Fortaleza (2010). Recuperado de <http://www.slideshare.net/vuldembergue/laboratrio-de-informtica-educativa>.

- IBGE PNAD. (2007). *Pesquisa nacional por amostra de domicílios*. IBGE. Recuperado de: http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2007/graficos_pdf.pdf.
- IBGE PNAD (2009). *Pesquisa nacional por amostra de domicílios*. IBGE. Recuperado de: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/trabalhoerendimento/pnad2009/>.
- IBGE. *De 2005 para 2008, acesso à internet aumenta 75,3%*. Recuperado de: http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/noticia_visualiza.php?id_noticia=1517.
- Koller, S. H.; Ribeiro, J.; Cerqueira-Santos, E.; Morais, N.A.; Teodoro, M.L. (2006). *Juventude brasileira: comportamentos de risco, fatores de risco e de proteção: Relatório Técnico da Pesquisa apresentado ao Banco Mundial*. Porto Alegre: UFRGS.
- Lévy, P. (1999). *Cibercultura*. São Paulo: 34.
- Lopes, R. D., Ficheman, I. K., Martinazzo, A. A. G., Correa, A. G. D. C., Venâncio, V., Yin, H. T. & Biazon L. C. (2010). O uso de computadores e da internet em escolas públicas de capitais brasileiras. *Estudos e pesquisas educacionais*. São Paulo: Fundação Victor Civita (FVC). Recuperado de <http://www.fvc.org.br/pdf/artigo-computadores-internet.pdf>
- Marques, L. F., Dell'Aglio, D. D. & Sarriera, J. S. (2009). O tempo livre na juventude brasileira. Em R. M. C. Libório & S. L. Koller (Orgs.), *Adolescência e juventude: risco e proteção na realidade brasileira*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Martin-Barbero, J. (2008). A Mudança da percepção da juventude: sociabilidades, tecnicidades e subjetividades entre os jovens. In S. Borelli, & J. Freire Filho (Orgs.), *Culturas juvenis do século XXI* (pp. 9-32). São Paulo: EDUC.
- MEC. Ensino fundamental de nove anos: orientações gerais. Recuperado de <http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/Ensfund/noveanorienger.pdf>.
- MEC. Secretaria de Educação à Distância. Recuperado de http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=289:secretaria-de-educacao-a-distancia&catid=193:seed-educacao-a-distancia&Itemid=821.
- Moraes, D. (Org). (2006). *Sociedade Midiatizada*, Rio de Janeiro: Maud.
- Miranda, L. L., Sampaio, I. V. & Lima, T. R. (2009). Fazendo Mídia, pensando educação: reverberações no mesmo canal. *Comunicação e Sociedade*, 51, 89-112.
- Nascimento, S. D. P. (s.d.). A prática da Educomunicação em ação intersetorial como



estratégia de valorização da cultura local: um estudo de caso do projeto Mídia Jovem. Recuperado de <http://www.educacionmediatica.es/comunicaciones/Eje%203/Samanta%20Daisy%20Pinheiro%20Nascimento%20II.pdf>.

NUFOR (s.d.). Recuperado de <https://sites.google.com/site/sefornufor/>

PROUCA (s.d.). Recuperado de <http://www.uca.gov.br/institucional/projetoPiloto.jsp>

Raddatz, V. L. S. (2010). Crianças e Jovens Fazendo Rádio: Canal Aberto Entre a Escola e a Universidade. *Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul*, Novo Hamburgo, RS. Recuperado de <http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sul2010/resumos/R20-0578-1.pdf>

Setton, M. G. J. (2002). Família, escola e mídia: um campo com novas configurações. *Educação e Pesquisa*, 28, 107-116.

Silveira, S. (2005). Inclusão digital, *software* livre e globalização contra-hegemônica. *Seminários temáticos para a 3ª Conferência Nacional de C, T&I. Parcerias Estratégicas*, 20.

Stern, S. e Willis, T. (2009). O que os adolescentes estão querendo on-line? In R. M. Sharon (Org.), *Os jovens e a mídia: 20 questões* (pp. 256-271). Porto Alegre: Artmed.

UCA. Recuperado de http://blogs.virtual.ufc.br/uca-ce/?page_id=150.

Vivarta, V. (2004). *Remoto Controle: linguagem, conteúdo e participação nos programas de televisão para adolescentes*. São Paulo: Cortez.